



VASOS CHIMÚ

POVOS PRÉ-COLOMBIANOS: UMA HISTÓRIA A SER [RE]CONTADA

Quantas histórias se conhece sobre os deuses do antigo Egito? E quantas versões cinematográficas houve recontando os mitos greco-romanos? As fábulas sobre Osíris e Isis, os amores de Zeus e os trabalhos de Hércules, a queda de Troia e os triunfos de Roma, são repetidamente encenados nos diversos meios culturais. A indústria cultural do século XXI, em substituição à literatura de massa do século XIX, remonta no imaginário popular o fascínio que essas histórias tão antigas proporcionam. Hoje filmes de ação colocam até o deus nórdico do trovão, ao lado de super-heróis de igual poder mítico, para salvar o planeta de conquistadores de outros mundos.

Por outro lado, quais eram as divindades cultuadas pelos povos originários da América? Como os lanomâmi explicam a criação do mundo? E qual a real função de Tupã na tradição tupi? O desconhecimento sobre as crenças dos povos ancestrais do continente americano impera em várias frentes. Não fosse o hercúleo trabalho de sociólogos e antropólogos (muitos saídos de aldeias indígenas, e que retornam aos seus lares para resgatar sua memória), muito do que ainda se conhece não ficaria disponível. Quem sabe, se os deuses realmente fossem astronautas, haveria maior crédito sobre a mitologia das populações ameríndias.

A América, mais do que uma “descoberta” dos europeus, foi uma invenção do pensamento renascentista. Vivendo a efervescência de novas descobertas científicas,



Figura 1

A Conquista de Tenochtitlán, séries Conquista do México

México, séc. XVII

Óleo sobre tela

Washington, D.C., Coleção Jay I. Kislak, Biblioteca do Congresso (US)

filosóficas e artísticas, a América surgiu no horizonte do Velho Mundo como mais um elemento a ser explorado (GALEANO, 2012). Os autores do período imaginaram o mais idílico dos cenários, onde se cumpriria, na terra, o paraíso edênico bíblico. O pensador francês Michel de Montaigne assim descrevia os habitantes do novo mundo:

Esses povos não me parecem, pois, merecer o qualificativo de selvagens somente por não terem sido senão muito pouco modificados pela ingerência do espírito humano e não haverem quase nada perdido de sua simplicidade primitiva. As leis da natureza, não ainda pervertida pela imisção dos nossos, regem-nos até agora e mantiveram-se tão puras que lamento por vezes não as tenha o nosso mundo conhecido antes, quando havia homens capazes de apreciá-las. Lamento que Licurgo e Platão não tenham ouvido falar delas, pois sou de opinião que o que vemos praticarem esses povos, não somente ultrapassa as magníficas descrições que nos deu a poesia da idade do ouro, e tudo o que imaginou como suscetível de realizar a felicidade perfeita sobre a terra, mas também as concepções e aspirações da filosofia (MONTAIGNE, 1961, pp. 261-262).

Tais simpatias, entretanto, não eram compartilhadas pelos conquistadores. Tenochtitlán, a capital dos astecas, era maior que qualquer cidade espanhola do século XVI e possuía uma população muito mais adensada. Em compensação, Hernán Cortez tinha à sua disposição um pouco mais de 500 soldados, cavalos e canhões. Bastou-lhe isso para subjugar esse grande império (Fig. 1). O jornalista Eduardo Galeano assim descreve:

Os indígenas, no começo, foram derrotados pelo assombro. O imperador Montezuma, em seu palácio, recebeu as primeiras notícias: uma montanha andava a movimentar-se no mar. Depois chegaram outros mensageiros: “(...) muito espanto lhe causou ouvir o tiro do canhão, como retumba seu estrépito e leva as pessoas a desmaiarem, com os ouvidos atordoados. Quando acontece o tiro, uma bola de pedra salta de suas entranhas: sai chovendo fogo (...)”. Os estrangeiros traziam “veados” para montar e, montados, ficavam “tão no alto como os tetos”. Traziam o corpo coberto, “aparecem só as caras. São brancas, como se fossem de cal. Têm o cabelo amarelo, embora alguns o tenham preto. A barba deles é grande (...)”. Montezuma acreditou que era o deus Quetzalcóatl que voltava (GALEANO, 2012, p. 33).

A história dos povos originários da América ainda não foi devidamente [re] contada. Por sorte, esbarramos com seus vestígios em nossas cidades. Recentemente, durante as obras para a expansão do aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, um enorme sambaqui de 4000 anos foi encontrado. Seus vestígios eram tão antigos que datavam de antes da chegada dos tupis à Baía da Guanabara. A obra só prosseguiu depois que os materiais foram devidamente tratados. O que ficou claro desse exemplo carioca, e que é a tônica em todas as grandes cidades latino-americanas, é conjugar a preservação desse patrimônio histórico-cultural com o ritmo acelerado das transformações urbanas, impulsionadas pelas necessidades das forças produtivas (SILVERMAN, 2008).

HISTÓRICO DA CIVILIZAÇÃO CHIMÚ

A civilização Chimú desenvolveu-se no vale do rio Moche, norte do atual Peru, por volta do século X d.C. É a de maior visibilidade no período conhecido na historiografia peruana como Intermediário Tardio (900-1476 d.C.). Esse período é de extrema relevância, pois as civilizações andinas se recuperavam de um possível desequilíbrio climático causado pelo fenômeno meteorológico *El Niño*, que teve início em um período anterior. Por consequência, os povos andinos foram obrigados a buscarem novas formas de assentamento e de organização do espaço. Enquanto nas serras as

povoações passaram a se estruturar em pequenas aldeias, um tanto desorganizadas, as povoações na costa eram mais complexas, abarcando uma maior população e variedade de atividades (SANTILLANA, 2008).

Iniciou seu processo de assentamento controlando as principais fontes de água do vale, represando e construindo canais que abasteciam sua capital, Chan Chan (Fig. 2). Por volta do século XIII d.C., após consolidar-se em Moche, começa uma forte onda expansionista a fim de incorporar os vales vizinhos e, conseqüentemente, concentrar as fontes de água da região. No século XIV d.C., voltam-se para o norte e dominam a civilização Lambayeque, também conhecida como Sicán, ocupando sua capital, Farfán (LIMA, 2010). Esse período foi o auge da civilização Chimú. Em Chan-Chan, nessa época, viviam cerca de 30.000 habitantes, divididos entre a elite governante, famílias nobres que exerciam funções de estado, sacerdotes e trabalhadores altamente especializados (SANTILLANA, 2008).

A estrutura política Chimú baseava-se no culto ancestral, que deu fundamento para o sistema de “herança compartilhada”. Com isso, o governante Chimú herdava de seu antecessor somente o cargo político. Os bens e outras fontes de renda eram distribuídos e administrados pelos demais membros da família real. Portanto, era obrigação do novo monarca reinante construir um novo palácio e constituir

Figura 2

Muro da Cidade de Chan Chan (Civilização Chimú)

c. sécs. XIV-XV d.C.

Trujillo, Sítio Arqueológico de Chan Chan – UNESCO (PE)



patrimônio que lhe permitisse viver regidamente. Esse sistema, logicamente, impulsionava o expansionismo Chimú que necessitava de novas terras para absorver sua crescente burocracia estatal. O governante era considerado divino desde a sua ascensão, e seu status era consolidado após sua morte. Praticavam-se rituais de sacrifício humano em honra do governante morto, especialmente de mulheres jovens, que eram enterradas em valas contíguas à câmara mortuária do soberano (SANTILLANA, 2008).

A civilização Chimú dominava diversas técnicas de transformação de matérias-primas, em oficinas subvencionadas pelo Estado. Trabalhavam o ouro, a prata e o estanho com maestria, absorvendo técnicas metalúrgicas do povo Lambayeque já conquistado. Produziam assim adereços e instrumentos religiosos, bem como algumas ferramentas de trabalho. Cultivavam também o algodão que, aliado à lã dos camelídeos andinos (lhamas e alpacas p. ex.), fornecia material para seus diversos produtos têxteis. A produção de cerâmicas merece destaque pois, além de subvencionada, absorvia um número grande de trabalhadores especializados, dedicados em tempo integral a essa atividade. Seu uso era tanto cerimonial quanto doméstico e empregava técnicas peculiares. A maioria da população, entretanto, dedicava-se à agricultura de subsistência (SANTILLANA, 2008).

A civilização Chimú teve seu ocaso por volta do final do século XV d.C., quando foi conquistada pelos Incas. Muitos dos tesouros de Chan Chan foram usados na ornamentação do Templo do Sol, em Cuzco, e na fabricação das imagens de Viracocha, de Mama Ocllo e do Sol. Chimú desapareceu enquanto estado formal, mas não enquanto cultura. Pesquisadores indicam que os Inca absorveram diversos artesãos Chimú, que replicaram naquele reino as conquistas técnicas do seu povo. A olaria chimú serviu de base para que os incas desenvolvessem as suas próprias cerâmicas, além da metalurgia e da manufatura têxtil. Consideram também que diversas estruturas político-administrativas dos incas tiveram um incremento com a adoção de práticas chimú. Esses relatos estão disponíveis somente pela documentação produzida durante o período da colonização espanhola no Peru, já que os chimú não produziram registro documental aparente (SANTILLANA, 2008).

A CERÂMICA CHIMÚ NA COLEÇÃO EVA KLABIN

A Casa Museu Eva Klabin exibe com orgulho alguns exemplares da olaria andina em uma vitrine da Sala Renascença, a maior sala de exposição do museu. Junto com as peças da civilização Chimú, encontra-se um importante conjunto de cerâmicas pré-colombianas de diversos períodos e povos, todos anteriores aos Incas e à

chegada dos espanhóis na América do Sul. A cerâmica das civilizações andinas dá testemunho dos seus avanços técnicos, demonstrando que viviam um efervescente desenvolvimento de suas forças produtivas e, conseqüentemente, apresentavam uma cada vez mais complexa estrutura socioeconômica. De forma alguma esses povos devem ser encarados como atrasados, bárbaros ou incapazes de constituir um legado histórico.

Como visto anteriormente, a cultura chimú foi incorporada pelos incas em diversos aspectos, fato que trouxe benefícios para a sua própria organização social. Essa incorporação de diversos aspectos sociais precedentes é a tônica das sociedades andinas. Pesquisadores observam esse movimento também na sociedade Chimú, ao descrever a sua produção de cerâmicas. Segundo a pesquisadora Silvia Lima “a cerâmica chimú deve ser entendida como uma síntese, produto de aportes culturais wari, de elementos locais e, sobretudo, de influência Lambayeque, em combinação com certos elementos novos” (LIMA, 2010, p. 70).

A argila mais usada pelos antigos ceramistas peruanos era a terracota, rica em ferro e de coloração amarronzada. Conforme o tipo de queima da cerâmica, e da temperatura do forno, a terracota produz vasos ou de coloração vermelha, preta ou cinza. A cerâmica chimú era produzida em etapas bem específicas. Primeiramente, a argila era pressionada em um molde, alguns até compostos de duas partes, para que ganhasse a sua forma. Eram aplicadas estampas e texturas, com o uso de matrizes e ferramentas. Com a argila ainda úmida, utilizando ossos ou pedras, dava-se um polimento na peça para compactar os grumos e corrigir imperfeições. Por fim era levado ao forno em temperatura de até 900°C. A queima em condições específicas acentua a coloração escura das cerâmicas chimú, colocando-as em posição muito distinta no conjunto cerâmico dos povos andinos (LIMA, 2010).

Percebem-se todas essas sutilezas nas peças da coleção Eva Klabin. O vaso de número 596 (Fig. 3) apresenta a coloração escura típica das cerâmicas Chimú. É decorado com a estampa de uma figura humana segurando um artefato na mão esquerda. Na sua cabeça vemos um toucado em forma de meia-lua, e algo como chifres, em forma de gancho, saindo da cabeça. Sua figura estática indicaria uma figura de comando, talvez um sacerdote ou líder militar. Pode-se ainda especular que se trate do chamado “deus do cajado” (Staff God), divindade típica na iconografia chimú (SILVERMAN, 2008). Vê-se ainda dois caranguejos no alto da peça e uma profusão de pontilhados em relevo, o que indicaria o uso de ferramentas de precisão na confecção do vaso. Por fim, deve-se notar a intenção do artesão em polir a peça no bocal e em uma pequena faixa ao redor dela. Além do acabamento estético, tal intenção talvez garantisse uma melhor adesão da alça à peça, para que ela não se soltasse durante a queima.

O vaso de número 572 (Fig. 4) seria um exemplar de um vaso de sopro, ou vaso assobiador, objeto ritual utilizado para produzir som a partir de um apito, embutido ao gargalo (POR Ti América, 2006). Além das características típicas já descritas anteriormente, possui um bojo em forma de cubo muito bem polido, que poderia sugerir um outro tipo de acabamento à peça. Pode-se supor que tenha sido utilizada a técnica do engobo, a aplicação de uma pasta de argila que adere à peça, antes da queima, deixando-a mais resistente e de acabamento mais refinado (LIMA, 2008). Tal expediente denota um aprimoramento da técnica de olaria da civilização Chimú, que talvez reflita uma divisão entre objetos de uso cotidiano, de acabamento mais simples, daqueles de uso cerimonial, que teriam uma apresentação mais apurada.



Figura 3

Jarra Chimú

Peru, costa norte

Período pré-Colombiano
(1200-1450)

Terracota

Rio de Janeiro,

Casa Museu Eva Klabin (BR)



Figura 5

Vaso duplo Chimú

Peru, costa norte

Período pré-Colombiano
(1200-1450)

Terracota moldada

Rio de Janeiro,

Casa Museu Eva Klabin (BR)



Figura 4

Vaso Assobiador Chimú

Peru, costa norte

Período pré-Colombiano
(1200-1450)

Terracota modelada

Rio de Janeiro,

Casa Museu Eva Klabin (BR)

Por fim, o vaso de número 599 (Fig. 5) é um vaso de bojo duplo, em forma de gota. Os bojos são unidos por uma espessa camada de argila, que garante firmeza para a peça. Esta, ao contrário das outras, é totalmente lisa, sem texturas ou relevos. Esse acabamento mais simplificado demonstraria que seria uma peça de uso cotidiano. Entretanto, não se deixa de notar a estampagem de diversos animais ao redor dos bojos. Notam-se ali pássaros de diferentes espécies, além de um macaco que repousa sobre a alça do vaso. Pode-se tratar também de um vaso de sopro, denotando o traço típico da religiosidade andina que é de total interação com a vida cotidiana (SILVERMAN, 2008).

OUTROS OBJETOS CHIMÚ

Coleções de cerâmicas pré-colombianas abundam em diversos museus ao redor do mundo. Destacam-se aqui algumas peças encontradas em coleções ao redor do mundo, inclusive na América Latina. O Museu Metropolitano de Nova Iorque, nos Estados Unidos, possui cerca de 300 peças Chimú em seu acervo, com destaque para um vaso de sopro de dois bojos, em forma de pássaro (Fig. 6). Nota-se a intenção do artesão em fazer um jarro não somente funcional, mas que, no seu desenho, apresentasse características físicas iguais às de um pássaro. Certamente produzido com fins ritualísticos, emite um som característico ao ser assoprado ou quando imerso em água. Observam-se ainda, na “cabeça” do pássaro, orifícios por onde sai o som.



Figura 6

Vaso assoviador Chimú

Peru, costa norte

Período pré-Colombiano (1200-1450)

Terracota moldada

Nova Iorque, Museu Metropolitano de Arte (US)

O Museu de Arte Walters, em Baltimore, Estados Unidos, possui também peças da civilização Chimú, com destaque para um jarro cerimonial altamente decorado (Fig. 7). Percebe-se ali, com detalhamento, a iconografia comum associada ao “deus do cajado” chimú, que ocupa grande parte da área estampada. Abaixo da divindade encontramos duas figuras humanas, altamente adornadas, que sugerem ser altos governantes ou sacerdotes. Do outro lado da peça descreve-se o desenho de uma cabeça decepada, provável alusão ao hábito de tomar as cabeças dos inimigos como troféus de guerra. Supõe-se ainda que o jarro fosse usado para servir a *chicha*, ou *aqha*, uma bebida cerimonial fermentada à base de milho (SANTILLANA, 2008).

Um dos mais importantes museus arqueológicos de Lima, no Peru, é o Museu Larco. Fundado em 1926, por iniciativa do pesquisador Rafael Larco Hoyle e de sua família, consta ter sido um dos primeiros museus do mundo a disponibilizar acesso digital total à sua coleção. Nele encontram-se, só da civilização Chimú, mais de 5000 peças disponíveis para pesquisa eletrônica, de um total de 45000 itens disponíveis. Destaca-se dessa imensa coleção o grande peitoral cerimonial (Fig. 8), a única indumentária chimú completa em exibição em museus do mundo. Toda feita em ouro, representa todo o esplendor do governante e sua relação simbólica com o sol. Apresenta figuras antropomórficas e de animais, também cabeças decepadas em alusão às vitórias militares do seu portador. A peça dá testemunho do domínio técnico do povo chimú, que manejava com destreza os diversos materiais disponíveis.

Figura 7

Jarro Chimú

Peru, costa norte

1100-1550 (Período Intermediário

Tardio-Horizonte Tardio)

Terracota

Baltimore,

Museu de Arte Walters (US)





Figura 8

Traje funerário

Chimú, Época Imperial

(1300 d.C. - 1532 d.C.)

Ouro

Lima, Museu Larco (PE)

BIBLIOGRAFIA

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

LIMA, Silvia Cunha. *Tecnologia cerâmica chimu: estudo arqueométrico da coleção do MAE/USP*. 2010. Tese (Doutorado em Arqueologia) – *Museu de Arqueologia e Etnologia*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-05112010-101643/pt-br.php>. Acesso em 15 de junho de 2020.

MONTAIGNE, Michel de. Dos canibais. In: _____. *Ensaio Livro 1*. Porto Alegre: Editora Globo, 1961. *POR Ti América: aventura arqueológica: depoimentos* [CD-ROM] / Idealização, concepção e desenho expositivo Alex Peirano Chacon; Curadora Marcia Arcuri. [Equipe de pesquisadores: Coordenadora Helena Bomeny; Adelina Alves Cruz...et al]. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil/CPDOC, 2006. CD-ROM.

SANTILLANA, Julián I. *Economía Prehispánica En El Área Andina (Período Intermedio Temprano, Horizonte Medio y Período Intermedio Tardío)*. In: CONTRERAS, Carlos (Org.). *Compendio de historia económica del Peru I: Economía prehispánica*. Lima: BCRP; IEP, 2008.

SILVERMAN, Helaine (Org.). *The Handbook of South American Archaeology*. New York, Springer 2008.

Museu Arqueológico Rafael Larco Herrera (Lima, Peru): <https://www.museolarco.org/>

Museu de Arte Walters (Baltimore, EUA): <https://thewalters.org/>

Museu Metropolitano de Arte (Nova Iorque, EUA): <https://www.metmuseum.org/>